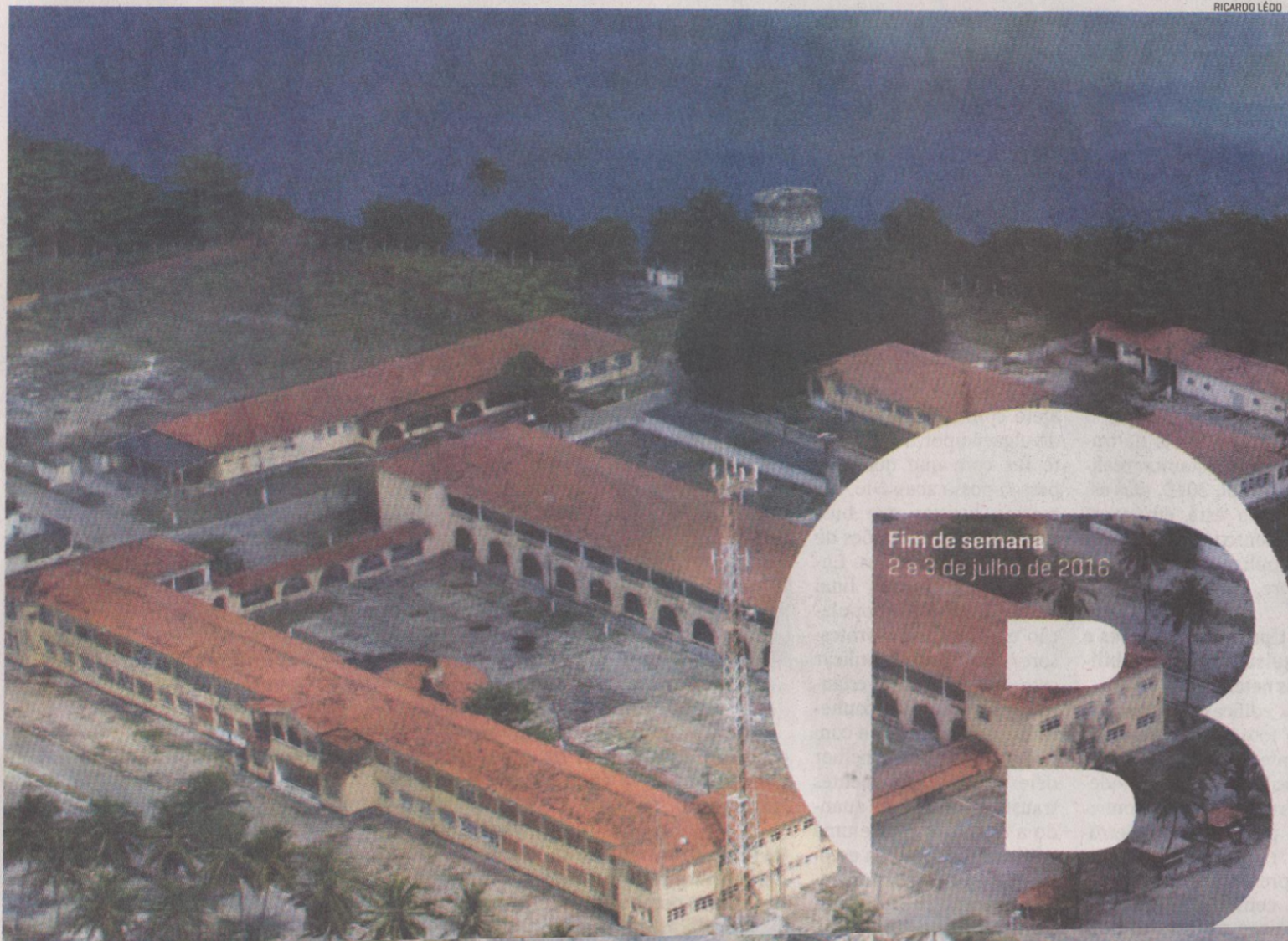


**PATRIMÔNIO HISTÓRICO.** Projeto da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Ufal vem mapeando legado arquitetônico da capital alagoana e jogando luz sobre o que ainda existe e o que já se foi. Próximo passo da iniciativa, que também trabalha educação patrimonial com crianças, é lançar um guia com o que temos por aqui



Festa Literária de Paraty-RJ termina neste domingo B5



Miúcha celebra 40 anos de carreira com discos e projeto de filme B7



Turismo indígena em Mato Grosso tem cachoeiras, cavernas e rapel B8

Fim de semana  
2 a 3 de julho de 2016

## REDESCOBRINDO UM LEGADO

LARISSA BASTOS  
REPÓRTER

Ela ficava à beira-mar, no coração da Pajuçara, um dos bairros mais nobres de Maceió, e se impunha em meio à natureza e aos prédios recém-construídos por ali. Em estilo neoclássico, com sua cor exuberante e grandes janelas brancas, a Casa Rosa chamava a atenção de quem passasse por ela – ainda que, de fora, não fosse possível ver seus lustres de cristal e escadarias em madeira de lei.

Isso até 2005, quando o prédio, parte da história da capital alagoana, veio abaixo sorrateiramente, na calada da noite, mesmo após protestos de parte da população – que chegou a fazer um “abraço” ao redor do imóvel. Em seu lugar, mais um edifício, construído por um italiano que comprara do Governo do Estado a propriedade, que já havia pertencido a uma tradicional família local.

Pouco mais de uma década depois, é missão difícil encontrar referências sobre a Casa Rosa. Aos poucos, sua história vai se perdendo junto com as de tantos outros patrimônios destruídos e esquecidos de Maceió. Mas é para não deixar que isso aconteça que um grupo de estudantes e alunos da Universidade Federal de Alagoas (Ufal) criou o projeto do Portal de Arquitetura Alagoana.

Desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa Representações do Lugar (Relu), formado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU), a iniciativa vem catalogando prédios históricos da cidade, fazendo um levantamento do que ainda temos e do que já perdemos. No site, é possível encontrar desenhos, fotografias, maquetes e dados históricos, técnicos e artís-

ticos de edificações.

A pesquisa é comandada pelas professoras Adriana Capretz, que orienta as abordagens nos campos de memória e história da Arquitetura e design, e Joesmary Ferrari, responsável pela produção dos trabalhos nas áreas de restauro, além de participar da produção do inventário do material. O objetivo das duas é direcionar um olhar mais atento à capital.

Idealizada ainda em 2009, a proposta tem como objetivo principal construir um levantamento do nosso legado arquitetônico – que em breve deve virar um guia disponibilizado na própria página na internet. O acervo pesquisado é variado e vai desde o fim do século 19 até o chamado período moderno, a partir da década de 1960.

“Como este conjunto ainda é relativamente recente e mais ainda pela falta de iniciativas voltadas para a educação patrimonial, a população desconhece seu valor e por isso muitas vezes não entende a importância de sua preservação. Temos em Maceió exemplares modernos belíssimos e de uma qualidade incrível”, explica Adriana Capretz.

Ela cita como exemplo as obras de Zélia Maia Nobre, fundadora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo em Maceió, em 1973, e “mulher à frente de seu tempo”. Entre suas construções estão o Antigo Alagoinhas, hoje apenas um esqueleto em meio à praia de Ponta Verde, e a Residência Universitária Alagoana, na Praça Sinimbu.

“Suas obras foram divulgadas até em revistas internacionais na década de 1960. Entretanto, são justamente os exemplares que mais sofrem com a falta de preservação, pois não são compre-

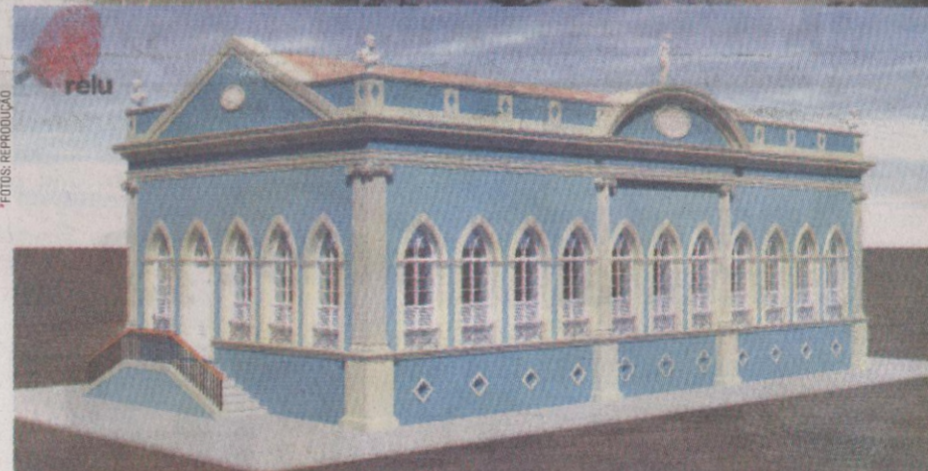
endidas como integrantes do patrimônio arquitetônico”, lamenta Adriana, acrescentando que exemplares mais antigos do patrimônio também acabam sofrendo com o descaso.

Além desses exemplares, o grupo vem estudando também em cima de temáticas, como igrejas, escolas, casas e Unidades Especiais de Preservação, imóveis e espaços urbanos públicos e privados de importância histórica e arquitetônica relevante para Maceió. Espaços que registram as mudanças, o crescimento e o progresso da capital alagoana em diferentes períodos.

“As unidades não são apenas os bens de valor excepcional, mas constituem também espaços associados às práticas imateriais, como, por exemplo, o Mirante da Sereia, que está associado à festa religiosa de Yemanjá, a praça Moleque Namorado, ligada às danças carnavalescas, e a casa de farinha de Riacho Doce, que está conectada com o ofício e modo de fazer bolo das mulheres do bairro”.

Segundo Adriana, outros temas ainda devem entrar em pauta até o final de 2016, como museus, cinemas, praças, hotéis, hospitais, prédios públicos, armazéns, clubes e teatros. Uma sessão de arquitetura *in memoriam* – para aquilo que já não existe mais entre nós, a exemplo da Casa Rosa – também deve ser criada no Portal de Arquitetura Alagoana.

“Temos um conjunto arquitetônico extenso, belo e de grande valor histórico e arquitetônico em Maceió, formado de grandes edificações públicas e privadas, mas também de conjuntos representativos da população ‘comum’, como caseiros e edificações de menor porte. O que confere o valor à obra arquitetônica



**TESOUROS** No alto, prédio abandonado da antiga Escola de Aprendizes Marinheiros; acima, maquete digital da antiga Escola Modelo (atualmente Casa da Palavra); foto do prédio do CCBi (antigo 20º Batalhão de Caçadores) e a Casa Rosa, que foi demolida em 2005

ou conjunto não é a renda ou extrato social a que pertenceu, mas identificação das pessoas com ela, as histórias que ela guarda”, ressalta a pesquisadora.

O que falta por aqui, opina ela, é justamente a educação patrimonial pa-

ra fazer ver tanta beleza – outro aspecto que o projeto pretende mudar, com ações educativas em escolas de Ensino Fundamental e mais uma série de ferramentas disponibilizadas no site. “A população precisa conhecer seu patrimônio, se sentir parte dele

para poder contribuir para sua proteção e preservação. Só se ama, só se preserva o que se conhece”, acrescenta ela, que, em entrevista ao Caderno B, explica tim-tim por tim-tim de como funciona a iniciativa. ●

Continua na página B2